

REVISTA PEDAGÓGICA

**MUSEU SACACA
COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
DAS POPULAÇÕES
TRADICIONAIS DO AMAPÁ**



**FERNANDO C. RIBEIRO
(PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO)**

PERCURSOS, TRILHAS E ROTAS DE UMA AULA DIALOGADA COM OS POVOS DA AMAZÔNIA.

**BARCO
REGATÃO**

**SÍTIO
ARQUEOLÓGICO**

**CASA DO
CASTANHEIRO**

**CASA DA
FARINHA**

**CASA DO
RIBEIRINHO**

**MONUMENTO
MARABAIXO**

**CASA DAS
PARTEIRAS
DA AMAZÔNIA**

EDIÇÃO ÚNICA

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Even3 Publicações, PE, Brasil)

M986 Museu Sacaca como Patrimônio Histórico das Populações Tradicionais do Amapá: percursos, trilhas e rotas de uma aula dialogada com os povos da Amazônia [recurso eletrônico] / Fernando da Costa Ribeiro – Vol. 1, n. 1, (2021) – Macapá: do Autor, 2021.

Revista Produzida pelo prof. Dr. Fernando da Costa Ribeiro
Edição Única

1. Educação em Museu. 2. Museu Sacaca. 3. Populações tradicionais do Amapá. I. Ribeiro, Fernando da Costa. II. Título.

CDD 069

Elaborado por Amanda Rodrigues – CRB-4/1241

Este Material Pedagógico intitulado “MUSEU SACACA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DO AMAPÁ: percursos, trilhas e rotas de uma aula dialogada com os povos da Amazônia”, foi produzido pelo prof. Dr. Fernando da Costa Ribeiro, para ser trabalhado como conteúdo na Disciplina Educação do Campo, em 2013 no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amapá – UEAP, do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. Em seguida surgiu a ideia de transforma-lo em uma Revista Pedagógica.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	5
2 – TEORIA QUE ABRIGA ESSA PROPOSTA MUSEOLOGIA	7
3 – ORIGEM E HISTÓRIA DO MUSEU SACACA	8
4 – QUEM FOI O MESTRE SACACA	11
5 – OFICIALMENTE O QUE É O MUSEU SACACA	12
6 – CASA DOS RIBEIRINHOS	13
7 – CASA DAS PARTEIRAS	14
8 – CASA DO MARABAIXO	15
9 – CASA DOS CASTANHEIROS	16
10 – PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO	17
11 – CASA DA FARINHA	18
12 – BARCO REGATÃO	20
13 – AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS COMO ATRATIVO TURÍSTICO	21
14 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
15 – REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

O presente Material Pedagógico (Revista Pedagógica) intitulado **“MUSEU SACACA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DO AMAPÁ”** foi produzido pelo **prof. Dr. Fernando da Costa Ribeiro**, para ser trabalhado como conteúdo na **Disciplina Educação do Campo, no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amapá – UEAP**, do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR.

A AMAZÔNIA é um outro continente, gigantesca em tamanho, muito rica em sociobiodiversidade e variedades de espécies, quanto em histórias nascidas nas mais diferentes culturas. Nesse contexto as Populações Tradicionais tem um significado relevante quando se fala de Educação do/no Campo.

O bioma Amazônia, que abrange 9 países americanos, especialmente o Brasil, recentemente adquiriu importância especial em nível global. A necessidade de enfrentar o aquecimento global internacionalmente aumenta a obrigação de preservar as condições ambientais das florestas tropicais e especialmente da maior delas, a Amazônia. Assim, o papel das populações tradicionais é necessário e imprescindível nesse processo de conscientização.

A Amazônia não é um espaço vazio, mas é habitada por povos indígenas, ribeirinhos, castanheiros, extrativistas dentre outros, com cultura própria intimamente ligada à manutenção de suas condições ambientais.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

A tensão entre o meio ambiente, os direitos dos povos da Amazônia, com destaque as populações tradicionais e as políticas de desenvolvimento econômico, com consequências globais que extrapolam as fronteiras brasileiras, traz como consequência a tensão entre soberania nacional e interesses internacionais. Esta situação não pode ser ignorada e deve ser objeto de estudo e discussão na Disciplina Educação do/no Campo e demais componentes curriculares.

A Revista apresenta a Amazônia Amapaense representada através de réplicas das casas dos ribeirinhos, castanheiros, etnias indígenas locais, casa das parteiras da floresta, casa de farinha, o regatão etc., como patrimônio histórico das populações tradicionais presentes no Museu Sacaca.

Esse material educativo propõe um debate a respeito da tensão entre os interesses das populações tradicionais em preservar os seus ecossistemas e a exploração irracional feita pelos interesses internacionais, com reflexões que irão lançar luz sobre um tema complexo e de difícil solução, que é a preservação da Amazônia.

A criação da Revista surgiu da necessidade de trazer ao debate a importância do patrimônio histórico das populações tradicionais do Estado do Amapá, presentes no museu Sacaca, e representadas nas réplicas das casas dos ribeirinhos, castanheiros, dos índios, etc.

O propósito da Revista é buscar o desenvolvimento e a conscientização desse tema nas escolas, universidades, entidades governamentais e não governamentais, na vida cotidiana entre grupos de pessoas, nas comunidades e por toda sociedade, se contrapondo aos interesses escusos do capital estrangeiro.

Prof. Dr. Fernando da Costa Ribeiro

Fonte: imagem do vídeo produzido

MUSEU SACACA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DO AMAPÁ

O Museu Sacaca consolidou a educação museal ao propor um diálogo e uma profunda reflexão com o público visitante. Esse processo de reflexão e ação entre os sujeitos envolvidos foi além dos limites dos atrativos turísticos, das coleções e das exposições presentes no museu.



2. TEORIA QUE ABRIGA ESSA PROPOSTA MUSEOLOGIA

Essa proposta perpassa pela "Nova Museologia" Inicialmente concebida como Eco museologia, metodologia trabalhada especialmente nos pequenos e médios museus regionais comunitários, que tem como função principal funcionar como um instrumento de conscientização e desenvolvimento das camadas menos favorecidas, centradas, especialmente, nas periferias das grandes cidades e nos meios rurais.

O que se observa claramente na construção histórica do museu sacaca, em relação a evolução institucional são transformações de cunho científico e expositivo para uma instituição que também tem uma vertente etnográfica e de grande reflexão com o visitante.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

3. ORIGEM E HISTÓRIA DO MUSEU SACACA



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

Está relacionada a história do museu de plantas medicinais Waldemiro Gomes e o museu de história natural Ângelo Moreira da Costa Lima.

Foto: Espaço Waldemiro Gomes.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

O memorial Waldemiro Gomes é um espaço onde você encontra alguns trabalhos e materiais usados por ele durante seus trabalhos de pesquisa, lâminas de madeiras catalogadas, armário, mesa e cadeira onde ele trabalhava. Você também encontra o histórico e homenagens feitas para ele.

Segundo sua filha Maria Zenar Assis Gomes,

“Waldemiro Gomes era Químico, Bioquímico, especializado em histologia vegetal, catalogou as ervas da Amazônia, suas finalidades e seus princípios químicos. Tinha um grande estudo destinado ao câncer, só com ervas da Amazônia. Fez estudos das madeiras da Amazônia e suas utilidades, madeiras que seriam usadas na engenharia, na navegação, etc.”.

Na área da mineralogia, catalogou os minerais do então Território do Amapá. Mesmo sendo uma pessoa culta, educada, era simples e bem desprendido de bens financeiros, na sua casa os moveis eram fabricados por ele, no quintal de sua casa tinha uma serra de onde confeccionava seus moveis e outros artefatos.

Escrevia para o jornal Marco Zero, foi muito contestado em seus artigos, mais também foi bastante elogiado. Fazia comentários do cotidiano, aos assuntos mais importantes da época.

Waldemiro Oliveira Gomes



Fez seus estudos em Portugal e diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especializando-se em Botânica Médica, Parasitologia, Química e Física Médica. Em 1916, passou a assessorar o eminente médico-cientista Dr. Gaspar Viana no Laboratório de Histologia e Química Bacteriológica do Rio de Janeiro.

Com a morte de Gaspar Viana, viajou para Portugal, obtendo certificados de especialização em Antropologia Científica e Fisiológica, Agricultura, Sericultura (estudo do bicho-da-seda), Apicultura, Extração dos Princípios Ativos Vegetais e Histologia dos Vegetais. Participou do III Congresso Sul-Americano de Química, realizado no Rio de Janeiro, apresentando trabalhos referentes aos

timbós e produtos ictiotóxicos da Amazônia, recebendo menção honrosa, aprovada por unanimidade dos congressistas.

Foi o primeiro no Brasil a industrializar a cafeína extraída da fuligem das chaminés de torrefação de café. Waldemiro Gomes foi autor de plantas e projetos para construção de balneários em Portugal; Diretor e Contabilista de vários hotéis; trabalhou em uma fábrica de laticínio. Retornando ao Pará, foi assistente particular do Dr. Paul Le Coant, Diretor da Escola de Química e do antigo Museu Comercial do Pará.

Assumindo a Superintendência do Museu Joaquim Caetano da Silva, onde arrebanhou mostruários de madeiras, minerais, fibras, óleos industriais. Enriqueceu o museu com todo o material de suas pesquisas exploradas pelo laboratório WOG, sobre a genética das plantas medicinais.

O jovem Sacaca que convivera com ele durante tantos anos. Na realidade, o Sacaca foi um servidor dedicado e respeitava seu mestre e amigo

Fonte: Livro "Personagens Ilustres do Amapá" Vol. II de Coaracy Barbosa, edição de 1998.

Ângelo Moreira da Costa Lima



Atuou como inspetor sanitário no Pará, em um programa de controle da febre amarela coordenado por Oswaldo Cruz. Em 1913, torna-se biólogo do Instituto Oswaldo Cruz, integrando um grupo de pesquisa que ainda iniciava-se no estudo de diversos mosquitos, dentre eles o *Aedes aegypti*. No ano seguinte, tornou-se catedrático de Entomologia na ESAMEV, Escola Superior de Agricultura e Medicina

Veterinária, atual UFRRJ, onde desenvolveu trabalhos memoráveis no campo da entomologia, área que o imortalizou, sendo considerado o maior entomologista do Brasil.

Em 8 de dezembro de 2006, foi inaugurado na UFRRJ o Espaço Memorial Costa Lima, como parte das comemorações dos 90 anos da Coleção Entomológica Costa Lima

4. QUEM FOI MESTRE SACACA

Sacaca foi um mestre da cultura popular amapaense, nascido em 21 de agosto de 1926, nos deixou em 1999. Raimundo dos Santos Souza, dono de uma memória incrível, foi um grande contador de histórias da Amazônia e um ícone do carnaval amapaense, sendo, por 23 anos seguidos, o Rei Momo. Fundou a União dos Negros do Amapá (UNA); torcedor fanático e massagista do Esporte Clube Macapá.



Foto Raimundo Dos Santos Souza, O Mestre Sacaca.
Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.



Pioneiro macapaense, foi fundador e o primeiro funcionário do antigo Parque Florestal de Macapá, hoje Bioparque da Amazônia. Desde criança, foi incentivado pelos pais a conhecer as plantas e passou a fazer remédios caseiros, sempre orientado pela mãe. Suas garrafadas (Mistura de várias plantas) eram famosas, motivo de várias reportagens, era bastante procurado pela população para cura de diversas doenças.

Foto Estatua de Mestre Sacaca localizada dentro do museu

Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

5. OFICIALMENTE O QUE É O MUSEU SACACA



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013

É um centro de pesquisas museológicas. Oficialmente é uma instituição cultural e científica localizada na cidade de Macapá, capital do estado Amapá. É subordinado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), órgão público responsável por fomentar e divulgar a produção científica e tecnológica local. Está sediado em uma extensa área de aproximadamente 21 mil metros quadrados, no bairro do trem.

Foi inaugurado em 1997, o museu tem por objetivo promover ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, abrangendo o saber científico e o saber popular dos povos amazônicos, além de divulgar as pesquisas realizadas pelo IEPA, por meio de exposições e atividades didáticas. Tem como destaque maior o circuito expositivo a céu aberto, construído com a participação das comunidades indígenas, ribeirinhas, extrativistas e produtoras de farinha do estado.

6.CASA DOS RIBEIRINHOS

Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.



Os ribeirinhos adaptam suas habitações em função da área onde vivem. Se a casa for construída em terra firme, o piso é feito de terra batida e, em áreas de várzea, em palafitas, com assoalhos que ficam acima do nível das águas no período das cheias. As paredes são feitas de troncos de açazeiros ou paxiúba e a cobertura de folhas de palmeiras.

Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

Foto nº 03 casa dos ribeirinhos



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

7. CASA DAS PARTEIRAS DA FLORESTA



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

A parteira da floresta é uma mulher de valor, coragem, humana e de muita fé, ela prima pelo amor ao próximo, cultiva a fraternidade, a solidariedade e está sempre disposta a ajudar qualquer hora do dia ou da noite.

É reconhecida e respeitada pela sua comunidade, e muitas delas usam práticas populares, como uso de plantas medicinais da floresta amazônica, superstições e simpatias, além da sempre presente oração, tornando-se a fé um parâmetro para que o parto humanizado aconteça sem maiores problemas, independentemente da religião que pertençam. Normalmente esse tipo de trabalho é passado de mãe para filha, perpetuando gerações de parteiras.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

8. CASA DO MARABAIXO



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

O Marabaixo é uma manifestação cultural amapaense do catolicismo popular, que se mantém viva pela devoção de famílias negras que celebram seus protetores - o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade. No Amapá, todos os anos, o ciclo do Marabaixo é iniciado no domingo de Páscoa e dura cerca de sessenta dias. São momentos de confraternização, fé e resistência, que remetem as origens africanas.

9. CASA DOS CASTANHEIROS



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

Os castanheiros do Amapá vivem próximos aos castanhais, deslocando-se para lá na época da coleta da castanha. No período da coleta, que dura até cinco meses, constroem uma casa de trabalho. Esta habitação é feita em madeira, usando esteios e travessões de quaruba, amarrados entre si com talas de miriti e cipó titica. A cobertura é feita, em geral, com palha de ubim e ripas de paxiúba e o assoalho com casqueira ou paxiúba.

FIGURA N° 04 CASA DOS RIBEIRINHOS



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

10. PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

Sítio Arqueológico - O patrimônio Arqueológico do Amapá é um dos mais impressionantes do Brasil por conta da sua beleza e diversidade. As pesquisas iniciadas desde o século XIX, mostram que o Amapá foi intensamente povoado no passado, sendo as regiões de Maracá, Calçoene, Oiapoque e Pacuí, até o presente, os locais com maior concentração de achados.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.



11. CASA DE FARINHA



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

Fábrica artesanal de farinha de mandioca, tradicionalmente chamada de "casa de farinha".



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

A farinha de mandioca é um dos componentes essenciais da dieta da população brasileira, notadamente das regiões Norte e Nordeste. A partir da raiz da mandioca (*Manihot esculenta*),

são produzidas: as farinhas seca, d'água e mista; a goma ou fécula; o tucupi; e a farinha de tapioca. O processamento da raiz da mandioca é, frequentemente, realizado segundo métodos tradicionais, herdados dos indígenas, que foram os primeiros cultivadores da espécie. No entanto, a transformação industrial vem aumentando. (WIKIPÉDIA, 2013).

“Depois de lavar a mandioca a gente rala de dois jeitos no ralador, e no triturador, pra fazer a farinha. Depois de ralar nos esprememos a massa para que fique bem sequinha. Depois de espremer a massa esfarinhamos e colocamos para secar com o sol. Quando a noite chegou acendemos o fogo e torraramos a farinha”. (Depoimento de um caboco da Comunidade de Cutias do Araguari Amapá, Amazônia, 2013).



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.



12. BARCO REGATÃO

Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.



O Regatão é um tipo de comércio fluvial praticado na Amazônia, desde o Brasil Colônia, tendo seu auge durante o ciclo da borracha. O termo regatão serve tanto à embarcação quanto ao próprio comerciante que desenvolvia um sistema de comércio com base principal na troca de mercadorias, denominada Escambo.

A nomenclatura ou expressão “Regatão” no Regionalismo Amazônico significa comerciante que vende seus produtos num barco e para em vários municípios, comunidades e lugares mais distantes do interior da Amazônia para concretizar suas vendas.

Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.



13 - AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS COMO ATRATIVO TURÍSTICO

O Museu Sacaca possibilitou a inclusão das Populações Tradicionais na lista dos atrativos turísticos do Estado do Amapá.

Figura nº07 trilhas e caminhos internos do museu sacaca



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

Passou a ser frequentado por escolas, universidades, um espaço de visitação pública e divulgação do potencial cultural, da flora, da fauna e da rica biodiversidade.

O auditório do museu passou a receber grandes eventos científicos, tecnológicos, Encontros Regionais, atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo como público alvo alunos, professores, pesquisadores, etc.

O museu passou a inspirar novos negócios e serviços associados as cadeias produtivas da biodiversidade amazônica, dessa forma gerar emprego e renda.

Assim, o museu cumpre a sua função como instrumento de popularização, conscientização, diálogo e reflexão com o público visitante.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

14. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

O Museu Sacaca consolidou a educação museal ao propor um diálogo e uma profunda reflexão com o público visitante. Esse processo de reflexão e ação entre os sujeitos envolvidos foi além dos limites dos atrativos turísticos, das coleções e das exposições presentes no museu.

Ao integrar os conhecimentos das diversas áreas e promover a dinâmica educativa e cultural, o museu passou a gerar interesse, curiosidade, motivação, estímulo e o necessário questionamento do sujeito como agente transformador e ao mesmo tempo sendo transformado a partir da interação das vivências e práticas educativas sistematizadas, voltadas a valorização e preservação do Patrimônio Cultural da Região Amazônica.

As observações e leituras das réplicas dos povos da Amazônia Amapaense nos leva a questionar sobre a nossa própria origem, existência e resistências ao longo do tempo.

Essa aula grupal ou coletiva a céu aberto nos permite refletir e interagir em relação as nossas próprias relações pessoais e interpessoais, no sentido de sentir as interdependências e as interligações entre o ser humano e o meio ambiente.

As referências bibliográficas encontradas nas réplicas e demais espaços do Museu Sacaca, você dificilmente encontrará em qualquer formato, ou seja, livros sites, revistas, vídeos, enfim, tudo que possa contribuir para um primeiro contato com o objeto de estudo investigado, dependendo do tema em estudo o museu lhe proporciona ao disponibilizar conhecimentos, saberes, informações e dados ricos da realidade histórica e cultural dos povos da Amazônia.



Fonte: Registro Fotográfico do Pesquisador, 2013.

15. REFERÊNCIAS

ALLARD, M. et al. La visite au musée. déc. 1995-jan. 1996 Réseau. *In*: MARANDINO, Martha. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 161-81, 2005.

ALLARD, Michel. BOUCHER, Suzanne. Le musée et l'école. Québec: Hurtubise HMH, 1991. *In*: MARTINS, L. C. **A relação museu/escola: teorias e práticas educacionais nas visitas escolares ao museu de Zoologia da USP**. 2006. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

BARBOSA, Coaracy. **Personagens Ilustres do Amapá**. Vol. II de, edição de 1998.

LEITE, Maria Isabel. **Crianças, velhos e museu: memória e descoberta**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 74-85, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acessado em 30/Janeiro/2013.

LEITE, Maria Isabel. OSTETTO, Luciana E. (Orgs). **Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

LEMONS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência divulgação científica e hegemonia. **Ci. Inf., Brasília**, v. 32, n. 1, p. 88-95, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15976.pdf>>. Acesso em: 26/fev./2013.